FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS - FEF

FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE

CURSO DE BIOMEDICINA

AMANDA APARECIDA PRATES CAMILA

LOPES MINOTTI

HANSENIASE - IMPACTO EPIDEMIOLÓGICO E PSICOLÓGICOS DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19.

FERNANDÓPOLIS - SP

2022

AMANDA APARECIDA PRATES
CAMILA LOPES MINOTTI

HANSENIASE - IMPACTO EPIDEMIOLÓGICO E PSICOLÓGICOS DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19

Artigo apresentado à Banca Examinadora do curso de graduação em Biomedicina das Faculdades Intregadas de Fernandopolis (FIFE) como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Biomedicina.
Orientador: prof. Me. Jeferson Leandro de Paiva.

FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS - FIFE
Fernandópolis - SP
2022

HANSENIASE - IMPACTO EPIDEMIOLÓGICO E PSICOLÓGICOS DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19.

HANSENIASIS - EPIDEMIOLOGICAL AND PSYCHOLOGICAL IMPACT DURING THE PERIOD OF THE COVID-19 PANDEMIC.

PRATES, Amanda Aparecida[1]

MINOTTI, Camila Lopes[1]

PAIVA, Jeferson Leandro de [2]

RESUMO: A hanseníase, conhecida antigamente como lepra, é uma doença bastante estigmatizada, contagiosa, mutilante e que provoca rejeição e preconceito ao paciente portador, este fato é gerado principalmente pela falta de informação da população, o que pode originar na sua exclusão da sociedade, sendo que sua evolução pode ocasionar graves consequências, como lesões incapacitantes, aumentando assim as repercussões sociais. O estudo descritivo, de abordagem qualitativa, foi realizado junto ao Centro de Atendimento de Doenças Infectocontagiosas e Parasitárias (CADIP), triando os dados e prontuários de portadores da doença após liberação das informações mediante termo de compromisso assinado com a Secretaria Municipal de Saúde do município de Fernandópolis/SP, as coletadas de dados foram realizadas, seguindo o roteiro de questões elaboradas. Concluí-se com esse trabalho que diferente do que a literatura relata, houve mais casos positivos em mulheres do que em homens. Houve prevalência de problemas psicologicos em mulheres, já que a doençaa afeta diretamente a aparência dos portadores da doença. Percebeu-se um aumento de casos no periodo de 2018 para 2019 de 94,11 %, e uma diminuição de 37,87% de 2019 para 2020, e o número de casos voltou a aumentar 112% no periodo de 2021, o que podemos sugerir a influencia da pandemia da Covid-19, tendo a hanseniase se tornado uma doença negligenciada durante o período da mesma.

Palavras-chave: Hanseníase; Sociedade; Incapacidade física; mulheres.

1 Estudante de graduação em Biomedicina das Faculdades Integradas de Fernandópolis - FIFE

2 Mestre em Programa de Pós-graduação em Microbiologia. Professor das Faculdades Integradas de Fernandópolis - FIFE * Endereço para correspondência: Rua Teotônio Vilela, 1685 - Campus Universitário, Fernandópolis - SP, 15.608-380 Te.: (17) 3465.0000 - ramal: 0054 e-mails: jeferson.paiva@fef.edu.br

SUMMARY: Leprosy, formerly known as leprosy, is a highly stigmatized, contagious, mutilating disease that causes rejection and prejudice to the patient. that its evolution can cause serious consequences, such as disabling injuries, thus increasing the social repercussions. The descriptive study, with a qualitative approach, was carried out at the Center for the Service of Infectious and Parasitic Diseases (CADIP), screening the data and medical records of patients with the disease after releasing the information through a term of commitment signed with the Municipal Health Department of the municipality. from Fernandópolis/SP, data collection was carried out, following the script of elaborated questions.It was concluded with this work that, different from what the literature reports, there were more positive cases in women than in men. There was a prevalence of psychological problems in women, since the diseasea directly affects the appearance of patients with the disease. There was an increase in cases in the period from 2018 to 2019 of 94.11%, and a decrease of 37.87% from 2019 to 2020, and the number of cases increased again by 112% in the period of 2021, which we can suggest the influence of the Covid-19 pandemic, with leprosy becoming a neglected disease during its period.

KEYWORDS: leprosy; Society; Physical disability; women.

1 – INTRODUÇÃO

A hanseníase, conhecida antigamente como lepra, é uma doença infectocontagiosa de evolução crônica que se manifesta, principalmente, por lesões cutâneas com diminuição de sensibilidade térmica, dolorosa e tátil. Tais manifestações são resultantes da predileção do Mycobacterium leprae (M. leprae), agente causador dadoença de Hansen, em acometer células cutâneas e nervosas periféricas. A Mycobacterium leprae, foi identificada pelo o médico norueguês Gerhard Armauer Hansen em 1870. Esta doença é conhecida desde os tempos bíblicos, como a doença da alma ou uma punição divina, por se tratar de uma doença contagiosa, em que se acreditava que ocorria por natureza sexual, sendo assim algo pecaminoso e pelas lesões apresentarem aspecto desagradável. As pessoas sintomáticas eram isolados da sociedade e encaminhados para “leprosários”, espaços organizados para que pessoas doentes pudessem se isolar da sociedade, haja vista que não havia tratamento conhecido e assim não transmitirem a doença. Os doentes eram humilhados perante a comunidade, sendo totalmente excluídos, se viam obrigados a vestir roupas diferentes ou carregar um sinal para alertar que estavam no local (BÍBLIA SAGRADA, 1992; TRABULSI; ALTERTHUM, 2015; TORTORA; FUNKE; CASE, 2017).

A lepra é uma doença histórica desde os tempos bíblicos e para afastar todos os preconceitos, discriminação, sofrimento, rejeição e isolamento, sofrido pela pessoa acometida, na tentativa de neutralizar o impacto estigmatizante do nome lepra, o governo brasileiro de acordo com a Lei nº 9.010, 1995, que legislou proibindo a utilização do termo "lepra" em documentos oficiais da Administração centralizada e descentralizada da União e dos Estadosmembros. A partir de então, o termo designativo para a doença passou a ser "hanseníase" em homenagem a Gerhard Armauer Hansen (1841-1912), médico norueguês que descobriu, em 1873, o micróbio causador da infecção (LOPES, 2004).

Se o agente etiológico da hanseníase acometesse apenas a pele não teria a importância que tem na saúde pública, por atingir o sistema nervoso periférico (terminações nervosas livres e troncas nervosas) surgem a perda de sensibilidade, as atrofias, paresias e paralisias musculares que, se não diagnosticadas e tratadas adequadamente, podem evoluir para incapacidades físicas permanentes. Eidt (2004) e o Ministério da Saúde (2021), relatam que ainda representa, um grave problema de saúde pública no Brasil, por conta dos agravantes inerentes a qualquer doença de origem sócio- econômica, ressalta-se a repercussão psicológica ocasionada pelas seqüelas físicas da doença, contribuindo para a diminuição da auto-estima e para a auto-segregação do hanseniano (BRASIL, 2001).

As incapacidades e deformidades físicas interferem na imagem corporal da pessoa, gerando preconceitos, discriminações e exclusões sociais. Como forma de prevenir o avanço de incapacidades já

instaladas e de futuras incapacidades e deformidades, o Ministério da Saúde (MS), por meio do Programa de Controle da Hanseníase, propõe ações educativas em autocuidado, por meio de três manuais: "Autocuidado em hanseníase: face, mãos e pés" (para usuários), "Eu me cuido e vivo melhor" (caderno de monitoramento do autocuidado para usuários) e "Guia de apoio para grupos de autocuidado em hanseníase" (para profissionais de saúde e usuários capacitados para atuar como coordenadores de grupos). No que diz respeito aos usuários, as estratégias de prevenção incluem uma série de 91 cuidados técnicos e exercícios com enfoque na face – em especial nos olhos e no nariz –, nas mãos e nos pés, locais mais afetados pela hanseníase (BRASIL, 2010).

Em 2021 houve 15.153 casos novos de hanseníase diagnosticados no Brasil, destes 1.412 apresentaram grau 2 de incapacidade física, de acordo com os dados do Ministério da Saúde. Pessoas acometidas pela hanseníase com menores rendas e baixo nível de escolaridade estão suscetíveis a desenvolver incapacidades físicas, visto que há condições precárias de vida e a dificuldade de acesso ao serviço de saúde. Quanto mais tardio o diagnóstico, a qualidade de vida das pessoas acometidas pode sofrer alteração já que aumentam os impactos e a incapacidade da enfermidade no paciente, devido ao forte desconforto físico, dores pelo corpo, perda ou diminuição da sensibilidade que o impossibilita de trabalharem, realizarem tarefas diárias, diminuindo também suas atividades de lazer (BRASIL, 2021; GONÇALVES; et al, 2021).

Mesmo nos dias atuais pessoas diagnosticadas com hanseníase sofrem muito preconceito devido aos estigmas impostos pela sociedade, tendo em vista as deficiências físicas e dermatológicas, que contribuem com o isolamento em todos os aspectos da vida do paciente, tanto social quanto profissional, vergonha, rejeição e baixa autoestima principalmente em mulheres (PINTO; et al, 2021).

A hanseníase está associada a condições econômicas, sociais e ambientais adversas. De acordocom registros de casos novos de todos os estados do país pelo Ministério da Saúde, a doença se distribuí de forma desigual pelo país, com altas concentrações nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, áreas de taxas de transmissã da doença. Sua alta prevalência compromete o rompimento das cadeias de transmissão, necessitando de ações estratégicas que visem garantir a integralidade do cuidado aos doentes. A procura dos casos da enfermidade deve se dar por meio da assistência prestada à população geral nas unidades de saúde do país, conforme preconizado pelas diretrizes nacionais, e pela investigação de contatos domiciliares e sociais dos casos confirmados, para receberem tratamento e atendimento integral de uma equipe multiprofissional de saúde, de forma gratuita e exclusiva no Sistema Único de Saúde – SUS, sendo auxiliados no processo de cura, prevenção e reabilitação de incapacidades físicas, e também recebendo tratamento psicológico (BRASIL, 2020).

De acordo com os dados do Ministério da Saúde, os maiores números de casos de hanseníase são de homens, 8.688 casos novos foram notificados em 2021, enquanto no mesmo ano 6.465 mulheres tiveram diagnóstico positivo para a doença. No entanto é importante ressaltar que o diagnóstico positivo em mulheres tem efeito psicológico muito maior, tendo em vista que ocorrem transformações não somente na aparência, mas sim como a mulher se apresenta e a relação com o corpo, já que a enfermidade causa lesões na pele, deformidade física. De acordo com o estudo realizado por GONÇALVES e colaboradores (2021) que entrevistou nove mulheres, algumas relataram que houve alterações na cor da pele durante o tratamento, outras que pararam de usar shorts, que não tinham vontade de se cuidar, começaram a usar aplique devido à queda do cabelo. O que afeta diretamente a autoestima da mulher, pois a sociedade valoriza pessoas que se enquadram nos padrões estéticos desejáveis, trazendo inúmeros danos psicológicos a mesma. Outro fator importante a ser relatado de acordo com os relatos é a preocupação e a dificuldades com aposentaria ou conseguirem tem alguma renda, haja vista que muitas não conseguem trabalhar devido a fortes dores.

A redução da cadeia de transmissão da hanseníase depende do grau de organização dos serviços de saúde para ampliação da oferta de ações como: investigação epidemiológica para o diagnóstico de novos casos; medidas profiláticas e tratamento com poliquimioterapia buscando a cura, prevenir e tratar as incapacidades físicas, educação permanente aos profissionais da saúde e busca ativa dos contatos familiares e sociais (LANZA; LANA, 2011; BRASIL, 2016).

Corrêa e colaboradores (2021) trabalharam com diálogos sobre a descentralização do programa de

controle da hanseníase em municípios endêmicos, concluindo na manutenção do modelo vertical, entrada na unidade básica de saúde com atenção primária e encaminhamento para atenção secundária, a pesquisa que para descentralização ocorrer de forma eficaz no controle da doença, precisa desvincular a tensão entre os atores envolvidos de cada ponto de atenção à saúde, gerando disputas de saberes e práticas de saúde. Na prática precisa da sustentabilidade que requer maior envolvimento político e institucional focado no fortalecimento da atenção primária, na reorientação do papel dos serviços na rede de atenção a hanseníase e na educação em saúde.

Devido aos comprometimentos físicos ocasionados pela hanseníase, o governo pactua nas ações do Plano Nacional de Controle da Hanseníase, ações educativas em autocuidado, para prevenir o avanço de incapacidades, apesar da importância, a aderência é baixa dos pacientes ao programa, justificada, dentre outros motivos, pela desestruturação de sua imagem corporal e pelo estigma advindo das representações sociais do corpo afetado pela doença. As pesquisadoras Talitha, Carmem e Maria Angela (2014), ao trabalhar com um grupo de pessoas doentes no Vale do Paraíba Paulista, sendo todas do gênero feminino, afirma que a desestruturação de imagem corporal dificulta a adesão ao programa e a sociabilização, aumentando o estigma de hanseníase, mostra a importância de ampliar o discurso tecnicista nas ações educativas em autocuidado.

E com isso temos como principal objetivo avaliar a qualidade de vida e seus fatores relacionados em pacientes com hanseníase e entender como a autoestima está relacionada à respectiva doença e como ela se comporta nas mulheres.

A hanseníase é uma das principais doenças infecciosas que produz impacto não apenas do ponto de vista físico como também social e psicológico (NUNES; OLIVEIRA; VIEIRA, 2008; FAÇANHA, 2006). Apesar de todo o trabalho realizado com o objetivo de controlar a hanseníase, tentando desmistificar alguns conceitos errôneos, incentivar o correto diagnóstico e execução do tratamento de poliquimioterapia, o medo com relação à doença ainda é evidente (ALMEIDA, 2022).

O tratamento se inicia quando o paciente começa a sentir os sintomas da doença e procura uma unidade de saúde, assim será feita uma avaliação do mesmo e serão realizados exames para confirmar a suspeita para um caso positivo, se confirmado será iniciado o esquema de medicamentos da cartela de PQT/MB/PB. Existe 4 tipos diferentes de hanseníase a Virchowiana, a Tuberculoide, a Borderline ou Dimorfa, e a Indeterminada.

Nas unidades de saúde existem dois tipos de esquema, sendo eles o Esquema Padrão Multibacilar em adulto e infantil e o Esquema Padrão Paucibacilar em adulto e infantil. Entretanto para que tenha resultado positivo em qualquer tratamento do uso da PQT o paciente deve seguir corretamente o tratamento e não pode deixar de tomar nenhum dia a dose auto administrada.

Durante o tratamento com a medicação (PQT), se faz uso do Clofazimina (marrom), esse remédio em si provoca manchas pelo corpo com um longo período de uso, caso o paciente se exponha ao sol por períodos prolongados e sem proteção solar as manchas não terão mais reversão, esse medicamento em si causa muito ressecamento na pele, por isso é indicado o uso de óleo de girassol e bastante hidratante corporal, para evitar danos à pele.

O familiar que está em tratamento deve seguir corretamente o uso do medicamento (PQT) para evitar a disseminação da doença, pois ela se torna se comunicante tanto para a família, quanto para amigos próximos como os do trabalho e do dia a dia, e quando realizado o uso adequadamente do medicamento, se tem ótimos resultados podendo evoluir até mesmo para cura. Em alguns casos, existe pacientes que tem ou adquirem durante o tratamento alergia à determinados medicamentos da cartela (PQT), nesse caso o paciente passa com o médico responsável pelo tratamento e ele solicita a troca por outro medicamento, assim será substituindo sem interromper ou comprometer o tratamento.

2 - OBJETIVOS GERAL

A pesquisa permite analisar o comportamento da doença hanseníase no munícipio de Fernandópolis no período de 2018 à 2021, onde analisou-se dados epimiológicos referente a novos casos, comparando as informações obtidas fora e dentro do período de pandemia que teve como critérios avaliar impactos psicológicos, complicações e abandono do tratamento, contágio familiar, destacando o impacto da hanseníase na vida das mulheres que tiveram a doença e que desenvolveram incapacidades físicas e entender como a doença interfere em suas vidas, comparando com mulheres que tiveram ou estão com hanseníase e não evoluíram até apresentar incapacidade física.

3 - MATERIAL E MÉTODO

O estudo descritivo, de abordagem qualitativa, foi realizado junto ao Centro de Atendimento de Doenças Infectocontagiosas e Parasitárias (CADIP), triando os dados e prontuários de portadores da doença após liberação das informações mediante termo de compromisso assinado com a Secretaria Municipal de Saúde do município de Fernandópolis/SP, as coletadas de dados foram realizadas, seguindo o roteiro de questões elaboradas, copilando as informações obejto desta pesquisa.

4 - RESULTADO

O comportamento epidemiológico da doença hanseniase no município de Fernandópolis/SP no período de 2018 a 2021 estão apresentados por meios de tabelas e gráficos, os quais demonstrantam o perfil da patologia.

Os resultados apresentados na Tabela 01dispõe da totalidade de casos de hanseniase, registrados pelo Centro de Atendimento de Doenças Infectocontagiosas e Parasitárias (CADIP) diagnosticado ano a ano, com informações sobre o tratamento.

Tabela 01 - Incidências de novos casos e eficácia de tratamento.

ANO 2018	Número de portadores de hanseniase	34	Mulheres/ faixa etária 26 -78	14	Estado civil	União estável		Comunicantes intradomiciliares (grau de parentesco)		Mulheres	33	Conjuge/namorados	17
						Viúvo (a)	4		58			Pais	7
						Separado (a)	10					Filhos	20
						Casado (a)	13					Irmãos	6
			Homens/faixa etária 18-82	20		Solteiro	2			Homens		Avós	0
											25	Parentes próximos	8
	Tratamento de casos remanescentes	28	Cura	15	Mulheres	6	Fatores relacionados ao tratamento	Manchas alteradas pela medicação	27				
					Homens	9							
					Mulheres	5		Mudou de região	2				
			Em tratamento	13	Homens	8		Abandono	4				

ANO 2019	Número de portadores de hanseníase	66	Mulheres/ faixa etária 18-87	44	Estado civil	União estável	5	Comunicantes intradomiciliares (grau de parentesco)	115	Mulheres	50	Conjuge/namorados	26
						Viúvo (a)	3					Pais	22
						Separado (a)	10					Filhos	38
			Homens/faixa etária 13-93	22		Casado (a)	25			Homens	65	Irmãos	11
						Solteiro	12					Avós	3
												Parentes próximos	14
	Tratamento de casos remanescentes	58	Cura	48	Mulheres	34	Fatores relacionados ao tratamento	Manchas alteradas pela medicação	43				
					Homens	14							
			Em tratamento	10	Mulheres	4		Mudou de região	2				
					Homens	6		Abandono	6				
								Mudança de tratamento	3				

ANO 2020	Número de portadores de hanseníase	25	Mulheres/ faixa etária 18-82	18	Estado civil	União estável	1	Comunicantes intradomiciliares (grau de parentesco)	28	Mulheres	13	Conjuge/namorados	5
						Viúvo (a)	2					Pais	10
						Separado (a)						Filhos	3
			Homens/faixa etária 15-61	7		Casado (a)	11			Homens	15	Irmãos	3
						Solteiro	9					Avós	2
												Parentes próximos	5
	Tratamento de casos remanescentes	24	Cura	16	Mulheres	12	Fatores relacionados ao tratamento	Manchas alteradas pela medicação	15				
					Homens	4							
			Em tratamento	8	Mulheres	6		Mudou de região					
					Homens	2		Abandono	2				

ANO 2021	Número de portadores de hanseníase	53	Mulheres/ faixa etária 10-72	33	Estado civil	União estável	3	Comunicantes intradomiciliares (grau de parentesco)	93	Mulheres	40	Conjuge/namorados	28
						Viúvo (a)	1					Pais	13
						Separado (a)	3					Filhos	23
			Homens/faixa etária 18-82	20		Casado (a)	30			Homens	53	Irmãos	11
						Solteiro	11					Avós	1
												Parentes próximos	17
	Tratamento de casos remanescentes	47	Cura	18	Mulheres	12	Fatores relacionados ao tratamento	Manchas alteradas pela medicação	34				
					Homens	6							
			Em tratamento	29	Mulheres	17		Mudou de região	3				
					Homens	12		Abandono	3				

Legenda: *Parentes próximos cunhado (a), genro, nora, sogro (a), netos.

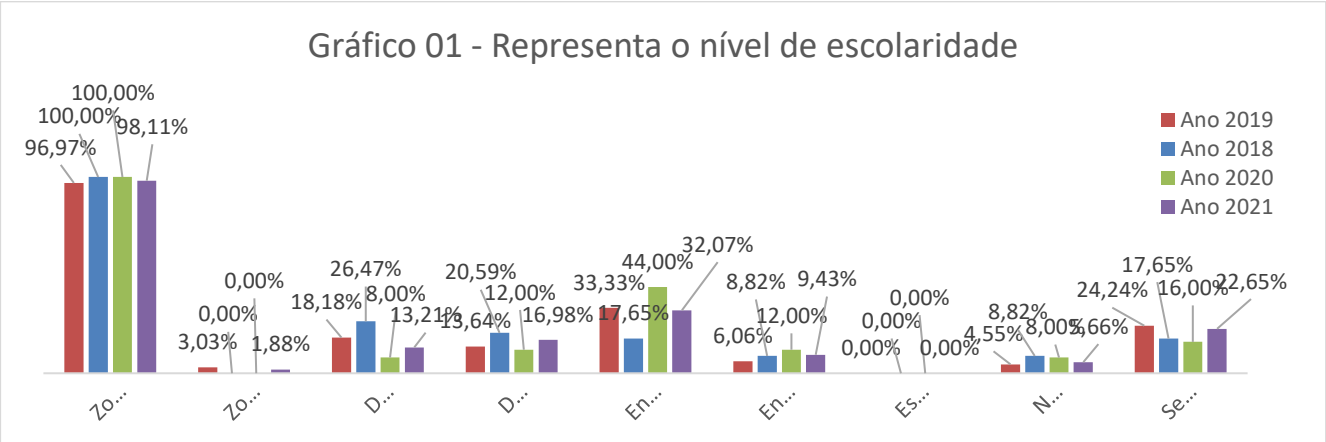
Analisando a tabela 01, nota-se que no período de 2018 a 2021 foram registrados 178(100%) casos de hanseniase, desde 19,10%(34) dos casos ocorreram em 2018, sendo 41,17%(14) pertencente ao gênero feminino e 58,83% (20) ao gênero masculino; no ano de 2019 advieram 37,07% (66) de casos onde 66,66% (44) eram mulheres; em 2020 registrou-se 14,4%(25) de novos portadores da patologia, tendo 72%(18) dos doentes como sendo do gênero feminino; durante o ano de 2021 sucederam 29,77%(53) de casos novos, destes 62,26%(33) eram mulheres. Explorando os resultados descritos anteriormente observa-se que do ano de 2018 para 2019 teve um aumento de 94,11% de casos novos e de 2019 -2020 houve uma regressão de 37,87% de 2020-2021 apresentou maior indice de novos casos comparado ao ano anterior chegando a 112 %, sugerindo influencia da pandemia de COVID-19, devido ao isolamento familiar. Referente a prevalência de casos por gênero percebe-se maior ocorrência em mulheres, exceto no ano de 2018 onde os homens apresentaram maior número de casos.

Pernambuco e Ruela (2022), fez o levantamento dos dados de novos casos no período de 2010 a 2021 em todo o Brasil, onde o registro de novos hansenianos em foi 2018 foi de 24.700, em 2019 foi de 23.644, em 2020 foi registrado 11.730 novos casos, já em 2021 eles alegaram que o sistema ainda não estava devidamente atualizado devido a pandemia da Covid-19, para a coleta de dados com precisão. Em um modo geral em todos esses 11 anos em que foram colhidos os dados foi identificado 227.255 casos em homens e 172.922 novos casos em pacientes do sexo feminino, podemos observar aqui 13,58% a mais de homens que contraíram a doença, resultado que testifica apenas o ano 2018 do presente, invertendo nos anos subsequentes da pesquisa, conforme os dados expostos na tabela 01. Pernambuco e Ruela (2022) também observaram as dificuldades impostas pela pandemia da COVID-19 agravou ainda mais a invisibilidade de pessoas com doenças negligenciadas, tais como a hanseníase.

Os anos em que estávamos passando pela pandemia global do Covid-19, pode ter ocasionado atrasos no diagnóstico da doença, sendo que é fato que muitas pessoas evitaram ir até os postos de saúde para não se contaminarem com o corona vírus seguindo as medidas de isolamento. Observa-se também uma redução na identificação dos casos a partir de 2019, o que pode estar estritamente relacionado aos fatores citados no início do parágrafo (PERNAMBUCO E RUELA, 2022).

Averiguando a faixa etária observa-se uma variação entre o período de 2018 à 2021, de ambos os gênero, sendo detectado a presença da doença em crianças de 10 anos, que fazem parte do grupo de risco, ou seja, comunicantes intradomiciliares conforme resultado apresentado na tabela 01, fator este que pode estar intrinsicamente relacionado ao isolamento famíliar devido a pandemia.

O gráfico 01 demonstra um numero superior de casos da patologia na zona urbana, fato que justifica por vários fatores de aglomeração de pessoas, como escola, trabalho e outros, destaca que ano de 2018 houve prevalência em indivíduos que possuem formação escolar de ensino fundamental, nos anos de 2019, 2020 e 2021 ocorreu maior incidência com pessoas que possuem o ensino médio. Outro ponto importante é a porcentual de falta de informação, sugerindo falhas no preenchimento de prontuários dos pacientes.



Fonte: Própria

Outro dado interessante é a prevalência da doença em pessoas casadas, podendo correlacionar o fato do relacionamento intimo, incluindo o ato de dormir juntinhos.

Analisando as informações referente ao tratamento da hanseniase, observou-se que o valor percentual dos doentes em tratamento são próximos em relação aos anos tendo uma variação de aproximadamente 10%. Desse modo os resultados da tabela 01 expõe que em 2018 de 100% (34) dos doentes 83,35%(28) estavam em tratamento, sendo que 53,57% (15) evoluiram para a cura, permanecendo 46,42% (13) em

tratamento, de 100% (28) das pessoas em tratamento 96,42%(27) apresentaram manchas alteradas pela medicação, de 100% (34) dos casos, 11,76%(4) abandonaram o tratamento e 5,88% (2) mudaram da região; em 2019 de 100% (66) dos doentes 87,87%(58) estavam em tratamento, sendo que 82,55% (48) evoluiram para a cura, permanecendo 17,24% (10) em tratamento, de 100% (58) das pessoas em tratamento 89,58%(43) apresentaram manchas alteradas pela medicação, de 100% (66) dos casos, 9,09%(6) abandonaram o tratamento, 3,03% (2) mudaram da região e 4,54%(3) tiveram que mudar o tratamento; em 2020 de 100% (25) dos doentes 96%(24) estavam em tratamento, sendo que 64%% (16) evoluiram para a cura, permanecendo 33,33%% (8) em tratamento, de 100% (24) das pessoas em tratamento 62,5%(15) apresentaram manchas alteradas pela medicação, de 100% (25) dos casos, 8,33%(2) abandonaram o tratamento; em 2021 de 100% (53) dos doentes 88,67%(47) estavam em tratamento, sendo que 38,29% (18) evoluiram para a cura,permanecendo 61,70% (29) em tratamento, de 100% (47) das pessoas em tratamento 72,34%(34) apresentaram manchas alteradas pela medicação, de 100% (53) dos casos, 5,66%(3) abandonaram o tratamento e 5,66% (3) mudaram da região; Comparando o aumento expressivo de novos casos de hanseniase no período de 2020-2021, corrobora com o menor indice de pessoas que obtiveram a cura em 2021, lembrando que durante o tratamento o doente deixa de transmitir a micobactéria. Pode atribuir o aumento de casos da doença pela dificuldade de diagnostico precoce, motivado devido ao colapso que saúde passou de 2019 á 2021 e vem tentando regularizar a demanda suprimida no decorrente ano.

De acordo com Garcia e Macário (2018), as alterações psicológicas em pacientes são bem evidentes após o diagnóstico da doença, levando esses pacientes a ficarem fragilizados e a desenvolverem sintomas de insegurança, ansiedade e até mesmo depressão, fatos esses que pode levar o hanseniano a própria exclusão, por sentimentos que carregam dentro de si como humilhação, culpa, medo, mágoa, inutilidade, solidão e a inferioridade diante a sociedade ao seu redor, podemos notar que sim o diagnóstico para as alterações psicológicas são vastas em inúmeros artigos e estudos publicados antes do anos de 2019, porém não há nada recente para que possamos comparar com nossas evidencias, onde constatamos em nosso estudo que em maioria esmagadora as mulheres são as mais afetadas psicologicamente após a descoberta da hanseníase.

Tabela 02: Problemas fisicos, psicologicos e Covid – 19

	Ano 2018	Ano 2019	Ano 2020	Ano 2021
Problemas fisicos	Mulheres : 5	Mulheres: 6	Mulheres: 16	Mulheres: 32
	Homens: 11	Homens: 14	Homens: 4	Homens: 18
Problemas psicologicos	Mulheres: 6	Mulheres: 2	Mulheres: 2	Mulheres: 3
	Homens: 0	Homens: 1	Homens: 0	Homens: 1
Covid - 19		2 casos	1 casos	4 casos

Fonte: Própria

De acordo com a tabela 02 observa -se que em Fernandópolis no ano de 2018 dos 34 casos, 6 pessoas entre 44-78 anos, sendo elas todas mulheres apresentaram problemas psicológicos, no ano seguinte em 2019 num total de 66 hansenianos, 3 pessoas foram afetadas psicologicamente, sendo que apenas 1 deles era homem de 47 aos e as outras 2 mulheres na faixa etária de 50 a 53. Vinte e cinco casos de hanseníase foram registrados em 2020, onde 2 mulheres de idades entre 32 a 56 anos, apresentaram diagnósticos de alterações psicológicas.

E no último ano do nosso levantamento em 2021, 53 casos foram diagnosticados com hanseníase, e 4 pessoas de 53 a 65 anos, sendo que 3 dos casos em mulheres e somente 1 homem afetado psicologicamente.

Hanseníase causa incapacidade física, se manifestando principalmente por sinais dermatoneurológicos: lesões em nervos periféricos e na pele, principalmente em mãos, pés e olhos. Esse comprometimento periférico é a característica principal da hanseníase, o que ao longo do tempo pode trazer incapacidades físicas para o paciente, em alguns casos evoluindo até mesmo para deformidades, essas incapacidades físicas são perigosas para os pacientes, e quando o diagnóstico precoce é realizado e o tratamento oportuno dos casos são iniciados, isso se torna a forma mais eficaz de prevenir as incapacidades causadas pela doença. Em 2016 foi realizado um estudo em Santa Catarina, onde 17,9% dos pacientes apresentaram grau 2 de incapacidade no diagnóstico. E nesse mesmo ano a soma do grau 1 e 2 corresponde a 42% dos pacientes com incapacidades no momento do diagnóstico (SANTA CATARINA,2016).

Brito e Andrade (2016) juntou informações da Organização Mundial de Saúde mostram que a 14.000 novos casos da doença foram diagnosticados com incapacidade de grau 2 no âmbito global no ano de 2015. Destes, 1.752 casos são no Brasil. E estudo mais especifica realizado na Paraíba sobre a hanseníase observou que na hora do diagnóstico 3,92% dos casos já apresentavam incapacidades físico-acentuadas.

Entre os anos de 2001 – 2011 pesquisas realizadas na Paraíba mostram que a proporção geral de incapacidades físicas por hanseníase foi de 65,2%, com parâmetro mediano para os casos com GIF II (8,4%) de acordo com o Ministério da Saúde. Dos pacientes diagnosticados, a doença é em maior número em mulheres com 51,5% e o sexo masculino com 48,5% dos diagnósticos (NUNES E OLIEIRA, 2011).

Podemos observar o quanto a hanseníase impacta fisicamente os doentes, em nosso estudo onde os dados foram colhidos no período de 2018-2022 na cidade de Fernandópolis interior do estado de São Paulo, podemos observar também que a incapacidade física vem acometendo e comprometendo os pacientes, no ano de 2018, 11 homens entre 31 a 64 anos e 5 mulheres com idades de 36-74, em um total de 34 novos casos, apresentaram problemas físicos, no ano seguinte de 2019 um total de 66 novos casos foram identificados e em questão aos problemas físicos 17 homens de faixa etária de 13-93, e 35 mulheres com idades de 18 à 84 anos, apresentaram alguma dificuldade física. No decorrer de 2020, foi registrado 25 novos casos de hanseníase na cidade, sendo que 4 homens de idades de 31-61, e 16 mulheres de 18-82 anos apesentaram algum tipo de problema físico. Já o nosso último ano de levantamento de dados foi em 2021, onde foi notificado 53 casos novos, e que apesentaram dificuldades físicas foram 18 homens com idades entre 10-84 anos e 32 mulheres de 10 a 72 anos.

A literatura encontrada é muito restrita e com datas mais antigas de pesquisa, o que torna o nosso comparativo de dados restrito, porém o que pode ser afirmado é que sim, a doença acomete fisicamente seus pacientes e em grande maioria são as mulheres que apresentam esses problemas físicos com mais frequência.

Todos os dados encontrados até o momento relaciona a doença de hanseníase com a dificuldade de tratamento e diagnostico e a baixa procura aos postos de saúde durante a pandemia, porém não foi realizado nenhum estudo onde mostra os hansenianos contaminados pelo covid-19 e suas consequências, sequelas e até mesmo a morte desses doentes. Já o nosso estudo foi realizado em uma escala muito menor, onde foi pesquisado novos casos somente no município de Fernandópolis do estado de São Paulo, dentre os anos de 2018 a 2021, com o levantamento de novos casos da hanseníase e a consequências dos que foram contaminados pelo novo corona vírus.

Em 2018 identificamos 34 casos notificados, e nesse ano não teve nenhum contaminado pelo covid-19 devido à ausência da pandemia ainda nesse período. No ano de 2019, 66 novos casos foram identificados, ao final desse ano foi apresentado 2 casos de hansenianos contaminados pelo covid-19, porém não apresentaram complicações e nenhuma comorbidade. No decorrer de 2020 novos 25 casos de hanseníase foram registrados, e nesse ano somente 1 caso positivo para covid-19, isso pode ter relação a baixa procura das pessoas aos postos de saúde por medo de contrair o novo corona vírus. Durante o ano de 2021, foram contabilizados 53

novos casos de hanseníase e 4 casos de contaminados pelo covid-19 foram notificados, mas nenhum paciente apresentou qualquer tipo de complicação ou sequelas.

5- CONCLUSÃO

Concluí-se com esse trabalho ao analisar os dados da doença hanseníase no município de Fernandópolis durante o período de 2018 a 2021, que diferente do que a literatura relata, dos 178 casos, 109 casos foram de mulheres e 69 casos de homens.

Houve prevalência de problemas psicológicos em mulheres, haja vista que a doença afeta o psicológico das pessoas, por interferir diretamente na aparência, já que a doença apresenta como principal caracteristica o aparecimento de manchas pela pele, levando muitas mulheres a não se reconhecer perante a sociedade, já que não se enquadra nos padrões impostos na maioria das vezes por ela mesma, e também causa perda de sensibidade o que interfere no cotidiano dos hanseníanos, já que muitos sentem muitas dores e não consegue realizar as atividades desejadas.

Durante a pesquisa percebeu-se um aumento de casos no periodo de 2018 para 2019 de 94,11 %, e uma diminuição de 37,87% de 2019 para 2020, e o número de casos voltou a aumentar 112% no periodo de 2021, o que podemos sugerir a influencia da pandemia da Covid-19, tendo a hanseniase se tornado uma doença negligenciada durante o período da mesma, já que não havia casos de Covid-19, no ano de 2018, e no fim de 2019 comecaram a surgir os primeiros casos da doença, decorrendo pelo período de 2020 e 2021, onde no ano de 2020 houve uma diminuição do diagnostico de casos, o que podemos considerar que houve atrasos no diagnostico da doenca, já que muitas pessoas deixaram de sair, e evitavam ir ate os postos de saude com medo de se contaminarem pela corona virus, seguindo as medidas de isolamento impostas na época, o que também contribuiu para o aumento de casos entre contatos intradomiciliares.

É imporante ressaltar a falta de algumas informações nos prontuários, o que sugere uma falha no preenchimento dos mesmos, dados esses de suma importância para que sejam feitos programas de medidas preventivas, ou ações para conter o aumento da doença.

Com o exposto nesta pesquisa, demonstra a necessidade de estudos de casos de abondono de tratamento e contrapondo com a média de tempo que levaram para evoluir para cura, registranto se esse público apresenta mais sequelas físicas.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. R. de S.; ALENCAR, C. H.; BARBOSA, J. C.; DIAS, A. A.; ALMEIDA,M. E. L. de. **Autopercepção de pessoas acometidas pela hanseníase sobre sua saúde bucal e necessidade de tratamento.** Revista Ciência & Saúde Coletiva. Vol. 27, n3, 2022

ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva. ISSN: 1678-4561

BATISTA, T. V. G.; VIEIRA, C. S. de C. A.; PAULA, M. A. B. de. **A imagem corporal nas ações educativas em autocuidado para pessoas que tiveram hanseníase**. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 24 [1]: 89-104, 2014

BÍBLIA SAGRADA. 82. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1992.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde, **Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da hanseníase como problema de saúde pública** [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.

BRASIL. HANSENÍASE **Conhecendo estigma, discriminação e os direitos das pessoas acometidas pela hanseníase.** Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2021/hanseniase-livreto>. Acesso em: 06 de março de 2022.

BRASIL. **Ministério da saúde**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/hanseniase/tratamento>. Acesso em 06 de março de 2022.

BRASIL. **Ministério da saúde**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude- de-a-a-z/h/hanseniase-1>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Departamento de Vigilância Epidemiológica. Autocuidado em Hanseníase, Face, Mãos e Pés**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010 (. Série F. Comunicação e Educação em Saúde).

BRITO, K. K. G; ANDRADE, S. S. C. Epidemiological and temporal analysis of leprosy in a Brazilian endemic state. International Archives of Medicine [Internet]. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3823/1977>. Acesso em: 05 out. 2022.

CORRÊA, C. M.; LANZA, F. M.; CARVALHO, A. P. M.; LANA, F. C. F. **Diálogos sobre a descentralização do programa de controle da hanseníase em municípios endêmico: uma avaliação participativa**. Escola Anna Nery. Revista de Enfermagem – Universidade Federal do Rio de Janeiro - ISSN: 2177-9465. https://doi.org/10.1590/2177- 9465-EAN-2021-0114

EIDT, L. M. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. Saúde e Sociedade v.13, n.2, p.76-88, maio-ago 2004.

FAÇANHA, M. C.; PINHEIRO, A. C.; LIMA, J. R. C.; FERREIRA, M. L. L. T, TEIXEIRA, G. F. D.; ROUQUAYROL, M. Z. Hanseníase: subnotificação de casos em Fortaleza - Ceará, Brasil. An Bras Dermatol 2006; 81(4):329-333.

GARCIA, J. E. L; MACÁRIO, D. P.A.P. Considerações psicossociais sobre a pessoa portadora de hanseníase. Monografia instituto Lauro de Souza Lima. São Paulo, 2018.

GONÇALVES M, SANTOS K. S, SILVA S. S, MARCUSSI T. C. C, CARVALHO K. V, FORTUNA C.M.

Women and leprosy: interferences and experiences. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2021; 29: e3419. Disponivel em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/Ywt98ss9d478gZPbTBkKnXz/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 06 de março de 2022.

LANZA, F. M.; LANA, F. C. F.. Decentralization of leprosy control actions in the micro-region of Almenara, State of Minas Gerais. Rev Lat Am Enfermagem. 2011 jan/fev;19(1):187-94. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000100025 . Acesso em: 09 de março de 2022.

Lei n. 9.010, de 29 de março de 1995 (1995). Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF.

LOPES, A., FILHO. (2004). **Transformando a lepra em hanseníase. A árdua tentativa para a eliminação de um estigma.** Monografia, Curso de Especialização em Gestão de Iniciativas Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

NUNES JM, OLIVEIRA EN, VIEIRA NFC. Hanseníase: conhecimentos e mudanças na vida das pessoas acometidas. Ciência e Saúde Coletiva. 2011. Disoonivel em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16s1/a65v16s1.pdf>>. Acesso em: 05 de out. 2022.

NUNES, J. M.; OLIVEIRA, E. M.; VIEIRA, N. F. C. **Ter Hanseníase: percepções de pessoas em tratamento**. Rev Rene 2008; 9(4): 91-98.

PERNAMBUCO, M. L.; RUELA, G. A.; SANTOS, I. N.; BOMFIM, R. F.; HIKICHI, S. E.; LIRA, J. L. M.; BARROS, E. A. S.; MORAIS, C. S.; PAGNOSSA, J. Hanseníase no Brasil: ainda mais.

PINTO GF, NICÁCIO RA, OLIVEIRA FR, OLIVEIRA IA, ALVES RJ, SANTOS DA, et al. **Fatores associados à qualidade de vida em pacientes com hanseníase.** Einstein (São Paulo), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/DH6TkrsVZ73X4RPY47JNsWm/?lang=pt>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

SANTA CATARINA. Diretoria de Vigilância Epidemiológica. Secretaria de Estado da Saúde. Superintendência de Vigilância em Saúde. Incapacidades físicas em pacientes diagnosticados de hanseníase - 2016. Barriga Verde: Informativo epidemiológico, Florianópolis, Ano XV, p.1-6, jan. 2018. Edição Especial. Disponível em:m<http://www.dive.sc.gov.br/conteudos/boletim2017/informativohanseniase/InformativoHanseniase2017.pdf> . Acesso em: 05 out. 2022.

TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. **Microbiologia**.12. ed. Porto Alegre : ArtMed, 2017.

TRABULSI, L. R.; ALTERTHUM, F. **Microbiologia**. 6. ed. São Paulo : Atheneu, 2015. Negligenciada em tempos de pandemia do COVID–19?. Revista de Saúde Pública do Paraná, v. 5, n.1,p.2-18,31.mar.20.